

Estudo diagnóstico sobre os problemas enfrentados por mulheres na periferia dos serviços de saneamento básico

RESUMO

Apesar de o saneamento básico constituir um direito humano universal, em comunidades periféricas grande parcela da população tem acesso precário aos serviços. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo avaliar os principais problemas enfrentados por mulheres periféricas da cidade de Chapecó/SC acerca dos serviços de saneamento básico. A metodologia utilizou a abordagem qualitativa e foi desenvolvida por meio da realização de entrevistas com mulheres residentes na Comunidade Lajeado São José, no bairro Engenho Braun – composta, em parte, por ocupações irregulares – e no bairro – regularizado – Vila Rica. A entrevista foi composta por questões dissertativas e as análises foram feitas por meio da metodologia de Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que por serem as mais afetadas pela falta de saneamento as mulheres contribuem sobremaneira para a implementação, gerenciamento e manutenção de serviços de saneamento em áreas periféricas.

PALAVRAS-CHAVE: comunidades periféricas; mulheres periféricas; Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

Thays Regina Miotto Begnini
Universidade Federal da Fronteira
Sul, Chapecó, Santa Catarina,
Brasil
thaysr.miotto@gmail.com

Leandro Bordin
Universidade Federal da Fronteira
Sul, Chapecó, Santa Catarina,
Brasil
lbordin@uffs.edu.br

INTRODUÇÃO

Segundo o Plano Nacional de Saneamento Básico (PLANSAB), o saneamento básico integra um conjunto de serviços que objetivam eliminar condições ambientais que promovam riscos à saúde ou o aparecimento de doenças. Estes serviços abrangem quatro componentes: abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, coleta e manejo de resíduos sólidos e drenagem e manejo das águas pluviais urbanas (BRASIL, 2019).

O acesso aos serviços supracitados é um direito humano universal (ONU, 2020). Contudo, em comunidades periféricas urbanas – e rurais – de países em desenvolvimento, grande parcela da população não tem acesso a estes serviços. Num contexto de residências em locais insalubres e desassistidos de serviços básicos, os grupos sociais inseridos neste cenário são, em grande medida, ignorados pelo Poder Público (GOMES, 2009).

Ao avaliar as causas que fomentam a falta de saneamento básico no Brasil, vínculos econômicos não se caracterizam como a única justificativa para a questão, uma vez que problemas estruturais associados aos diversos tipos de desigualdades – sejam elas raciais, de gênero e sociais, por exemplo – vêm à tona. Assim, segundo Santos (2013), as desigualdades e suas variadas intersecções são responsáveis por desencadear uma série de privações sociais.

D'ávila Neto e Jardim (2000) acrescentam que as mulheres são mais vulneráveis aos riscos ambientais do que os homens devido (1) às diferenças biológicas e (2) às questões de gênero, ou seja, ao papel que lhe é determinado pelo contexto social, econômico, político e cultural. Convém destacar, nesse contexto, que dentre os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), o Objetivo 6, que dispõe sobre Saneamento e Água Potável, reconhece a urgência de “disponibilizar atenção fundamental para as necessidades de mulheres e meninas e daqueles que vivem em situação de vulnerabilidade” (UNITED NATIONS, 2015, p. 18)

Diante desse cenário, o objetivo principal da presente pesquisa é analisar os principais problemas enfrentados por mulheres periféricas da cidade de Chapecó/SC acerca dos serviços de saneamento básico. A principal justificativa para sua realização está na importância que o saneamento básico tem sobre a dignidade e a saúde da população, de modo a incentivar e viabilizar políticas, projetos e soluções que promovam a melhoria da qualidade de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O SANEAMENTO BÁSICO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS

Os problemas relacionados a saneamento básico vão muito além da conjuntura renda *versus* poder aquisitivo, pois englobam uma série de outras dificuldades nas quais os indivíduos estão inseridos em suas comunidades. Em seu livro ‘Muito Além da Economia Verde’, Abramovay (2012, p. 50) afirma que:

A segunda razão pela qual a luta contra a pobreza não se reduz à obtenção de renda se refere às situações em que, apesar de conseguirem mais renda, os indivíduos enfrentam dificuldade crítica no acesso ao saneamento básico, à educação, à saúde, ou vivem em locais de violência generalizada em que são sistematicamente discriminados no acesso aos serviços públicos mais elementares.

Predominantemente habitado por famílias negras e pardas, as comunidades periféricas têm em seu histórico acesso precário à infraestrutura e serviços de saneamento básico. Quando é o caso de habitações irregulares (de acordo com as leis vigentes), o processo de fornecimento adequado de saneamento básico torna-se ainda mais complexo, uma vez que essas localidades não são incluídas nos planos de infraestrutura urbana dos municípios (SANTOS, 2013).

Fonseca (2008) e Gomes (2009) destacam que as soluções de saneamento em comunidades periféricas ultrapassam os limites impostos à engenharia sanitária, pois as ações propostas para essas localidades são reféns da conjuntura política, econômica e social do país. As tradicionais tecnologias de saneamento – que ofertam soluções padronizadas e de alto custo – utilizadas pela engenharia e consentidas pelo Poder Público usualmente não são adequadas para aplicação em comunidades periféricas, permitindo, portanto, que essas populações sejam deliberadamente excluídas da sociedade.

Gomes (2009) defende que a implementação de pequenas estruturas para tratamento e abastecimento de água e esgoto em comunidades vulneráveis são essenciais para desmarginalizar esta população e melhorar sua qualidade de vida. Ao ter pleno acesso aos serviços de saneamento básico, as populações periféricas e em situações de desigualdade social poderiam despende mais tempo em atividades de lazer, estudo e em suas atividades remuneradas.

Quando se coloca a questão no âmbito das desigualdades de gênero ficam evidentes as dificuldades ainda maiores enfrentadas pelas mulheres periféricas. Além de sofrerem com a falta de direitos básicos à saúde, moradia, alimentação, educação e segurança, a desigualdade de gênero tem impacto também nas necessidades especiais relacionadas, principalmente, ao direito à água e ao esgotamento sanitário. Nestas necessidades, inclui-se desde questões básicas relativas a cuidados com higiene menstrual, por exemplo, até os estereótipos entre os gêneros, principalmente no tocante a atividades domésticas e nos cuidados com os filhos e a família (LOMBARDI, 2009; BRK AMBIENTAL, 2018).

Chifamba (2014) pontua que, justamente por serem as mais afetadas pela falta de saneamento e por serem as primeiras a perceberem seus impactos, as mulheres possuem papel principal na implementação e gerenciamento de serviços de saneamento básico. Ao administrarem a água utilizada pela família, ao destinarem corretamente os resíduos sólidos gerados e serem responsáveis pela higiene das crianças, instruindo-as quanto aos locais onde há despejo de esgoto sem tratamento, são as mulheres que promovem a diminuição da vulnerabilidade socioambiental não só de suas famílias, mas da comunidade como um todo (SILVA, 2017).

METODOLOGIA

Procedimentos e instrumentos técnicos de coleta de dados

A proposta metodológica do presente trabalho teve como base a pesquisa aplicada com abordagem qualitativa caracterizada como pesquisa do tipo exploratória e descritiva (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MINAYO, 2011; GIL, 2002, p. 41). A busca por respostas aos objetivos da pesquisa foi conduzida por meio do estudo de (multi)caso (Yin, 2005). Neste momento metodológico, a coleta de dados se

deu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres periféricas da cidade de Chapecó/SC.

Delimitação e características gerais das áreas de estudos e da seleção da amostra

A delimitação das áreas de estudo da presente pesquisa ocorreu em conjunto com a Diretoria de Regularização Fundiária e Habitação do município de Chapecó/SC. Para seleção das áreas foram consideradas características no âmbito dos eixos do saneamento básico, bem como da regularidade do local. Foram selecionadas duas áreas: a Comunidade Lajeado São José – composta em parte por ocupações irregulares – no bairro Engenho Braun, e o bairro – regularizado – Vila Rica, ambas localizadas no perímetro urbano do município.

Por meio de uma visita in loco à comunidade Lajeado São José e de acordo com informações fornecidas pela liderança feminina da área de estudo, sabe-se que atualmente residem 48 famílias no local. Convém destacar que a área em questão está localizada próximo da principal fonte de captação de água para abastecimento do município, o Lajeado São José, e que algumas residências estão em Área de Preservação Permanente (APP). Já no bairro Vila Rica residem cerca de 400 famílias, informação essa obtida também por meio de uma visita in loco e de acordo com informações da liderança feminina local. O bairro é composto, predominantemente, por famílias que residiam em áreas irregulares do município de Chapecó e foram transferidas por meio de processos de regularização fundiária.

Ambas as localidades possuem um grupo – organizado – de mulheres, as quais se reúnem periodicamente para atividades como palestras, cursos e, principalmente, para convivência e estabelecimento de pautas de reivindicação para melhoria das condições da comunidade e do bairro. Deste modo, a realização das entrevistas se deu no âmbito desses grupos. Todas as mulheres integrantes foram convidadas a participar. Na comunidade Lajeado São José a coleta de dados resultou em 24 participações, o que corresponde a 50% das residências do local. No bairro Vila Rica, por sua vez, foram entrevistadas 18 mulheres, o que corresponde a 45% das integrantes do grupo – e a 4,5% das residências do bairro.

Procedimentos de análise de dados

Para facilitar o processo de análise das questões, as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na sequência, sendo analisadas usando a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

O Quadro 1 apresenta um modelo do percurso de análise das respostas –preparação/unitarização – e, posteriormente, de construção dos novos significados – categorização – em busca de responder os objetivos da pesquisa – descrição/análise/interpretação.

Quadro 1 - Modelo para o processo de unitarização e categorização

Unidades de análise	Categorias de análise
Excertos das respostas com destaque para os termos/expressões mais representativos/as	Construção/Definição da categoria emergente

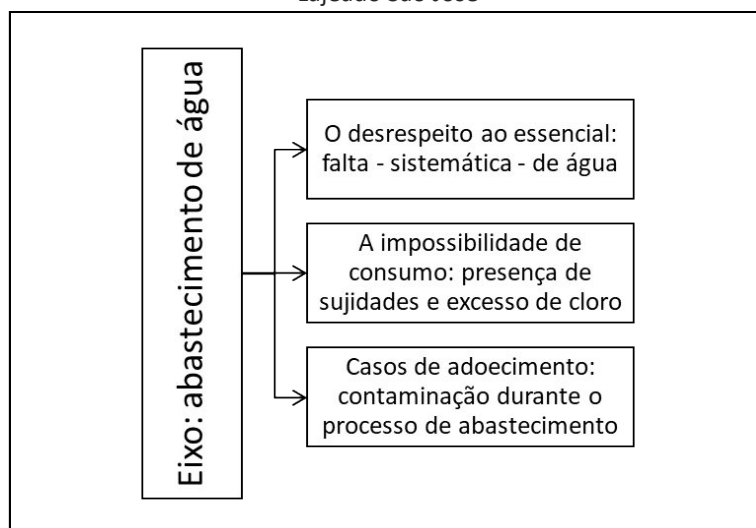
Fonte: Adaptado de Bordin (2018)

As respostas das questões dissertativas foram identificadas pelas letras LSJ de Lajeado São José e por VR de Vila Rica. Na sequência de cada sigla empregou-se um número que varia de 1 a 24, para a comunidade Lajeado São José, e de 1 a 18 para o bairro Vila Rica.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

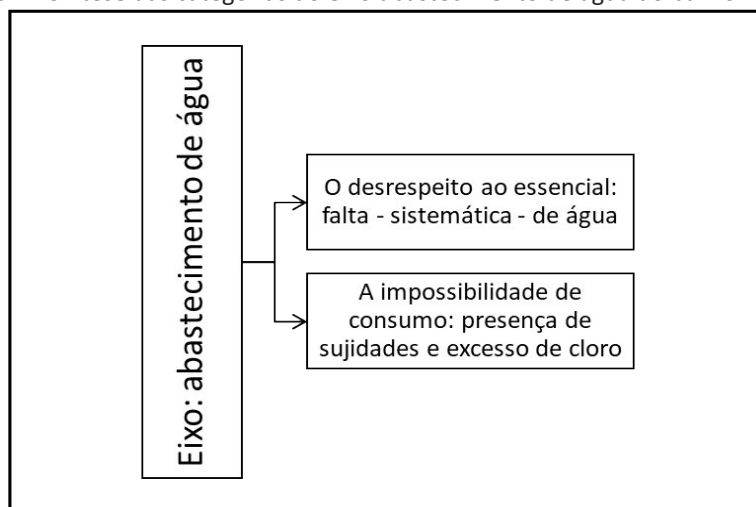
A entrevista iniciou com uma pergunta dissertativa (aberta) sobre os problemas enfrentados em relação à disponibilidade de água. As respostas foram organizadas e classificadas em categorias emergentes de análise (de acordo com o Quadro 1). Nas figuras 1 e 2 é possível visualizar a síntese das categorias para cada localidade.

Figura 1 - Síntese das categorias do eixo abastecimento de água da comunidade Lajeado São José



Fonte: autores

Figura 2 - Síntese das categorias do eixo abastecimento de água do bairro Vila Rica



Fonte: autores

Tanto na comunidade Lajeado São José quanto no bairro Vila Rica o primeiro grupo de unidades de análise resultou em uma categoria denominada O desrespeito ao essencial: falta – sistemática – de água. Percebe-se, por meio das respostas da maioria das entrevistadas, que a falta de água é recorrente.

[...] Já fiquei até uma semana sem água (LSJ12).

Às vezes falta água. No verão falta bastante. Nós tivemos um tempo que ficamos 8 dias sem água (VR4).

A indisponibilidade de água relatada, principalmente na comunidade Lajeado São José, impossibilita a realização de tarefas básicas, como higiene pessoal. Também, indica as dificuldades enfrentadas com os filhos, que deixam, por exemplo, de ir à escola.

[...] Eu fico bastante irritada, porque eu gostaria de tomar banho, mas não dá (LSJ13).

[...] até falei hoje no colégio com a professora que as crianças não vão amanhã, que hoje não tinha [água] nem pra fazer comida [...]. Veio todos sujos da creche, aí fica difícil a gente com criança [...]. Quando não tem água na casa da minha vizinha eu vou lá na [menciona empresa que dispõe de poço artesiano] com o carrinho de mão pra pegar água. Eu vou com os 3 agarrados atrás. Vai lá, enche e traz (LSJ23).

As respostas acima reiteram a afirmação de Lombardi (2009), de que mulheres são as mais afetadas pela precariedade dos serviços de saneamento pois são, majoritariamente, as principais responsáveis por trabalhos domésticos de cuidados com a casa, filhos e família. Além disso, como já citado anteriormente, evidencia-se ainda mais o peso das desigualdades de gênero relacionadas à falta de água, pois essas desigualdades têm impacto também nas necessidades especiais das mulheres, incluindo questões básicas de cuidados com higiene menstrual (BRK Ambiental, 2018).

A segunda categoria – emergente em ambas as localidades – foi denominada como A impossibilidade de consumo: presença de sujidades e excesso de cloro. Nessa categoria encontram-se respostas que evidenciam o problema de potabilidade da água fornecida, uma vez que diversas entrevistadas relatam a impossibilidade de utilizá-la para beber, preparar alimentos e lavar roupas.

Tá vindo bastante suja, um barro. A caixa, cada vez que vem [água], tem que limpar. Fica dois palmos de barro dentro da caixa (LSJ18).

[...] A água é puro barro. Principalmente quando estoura os canos, daí eles vão arrumar, e quando vem água, meu Deus do céu, nem roupa não dá pra lavar (VR7).

Por fim, o último grupo de unidades de análise resultou na categoria Casos de adoecimento: contaminação durante o processo de abastecimento, sendo exclusiva da comunidade Lajeado São José. Percebe-se que, apesar de os problemas relacionados à disponibilidade e potabilidade de água serem comuns em ambos os bairros, no Lajeado São José a gravidade e proporção são maiores, pois foram relatados casos de adoecimento devido ao consumo da água fornecida.

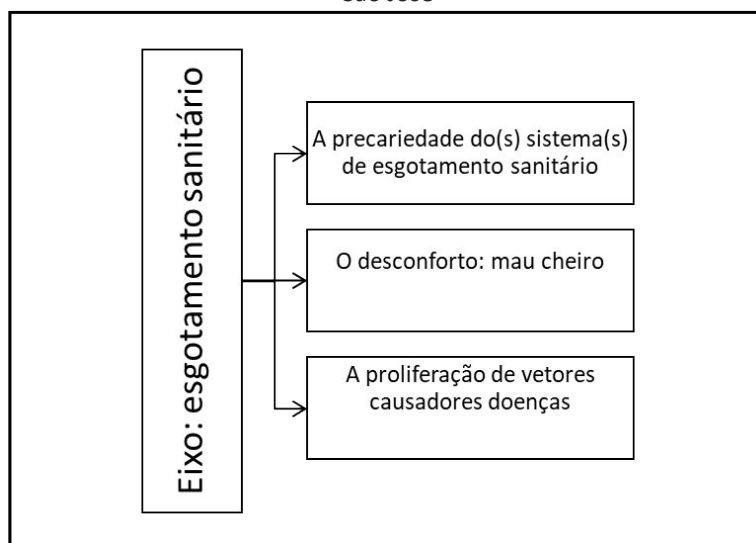
Nesta categoria evidencia-se, novamente, a desigualdade social a que este grupo está submetido, uma vez que, além de não ter acesso adequado ao abastecimento de água, o consumo da água disponibilizada pela companhia de saneamento resulta em problemas de saúde. Assim, as mulheres são levadas a buscar por fontes alternativas de água para consumo.

Eu tenho enfrentado muita dor de barriga nas crianças. [...]. Foi feito exame e constatado que era da água. [...]. Essa semana o [cita o nome do filho] ficou 2 dias sem ir na creche por causa da dor de barriga (LSJ5).

Nós não consumimos aquela água lá, porque já aconteceu de todo mundo ficar doente. Disenteria, vômito. [...] Fui no médico e ele testou que foi [da água], disse que era pra nós ferver a água (LSJ18).

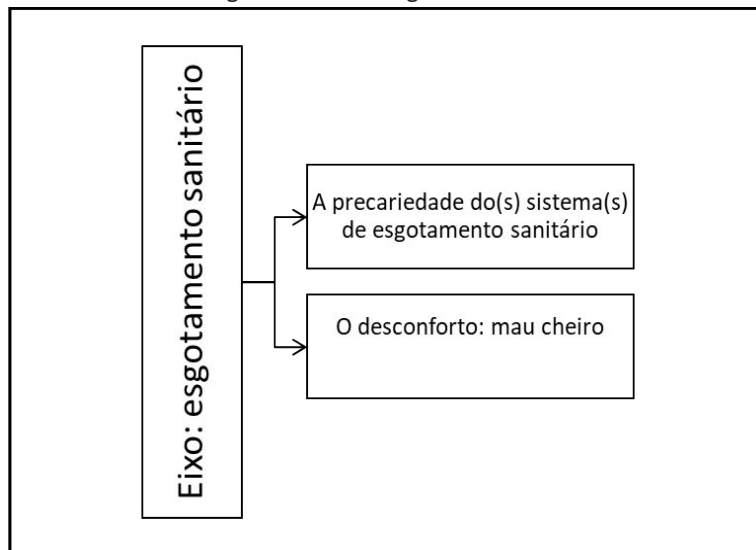
A exemplo do que foi feito para o eixo abastecimento de água, neste ponto da entrevista foi realizada uma pergunta dissertativa estimulado que as entrevistadas falassem livremente sobre os problemas por elas enfrentados em relação ao esgotamento sanitário. O mesmo movimento de categorização foi realizado, resultando nas categorias apresentadas nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 - Síntese das categorias do eixo esgotamento sanitário da comunidade Lajeado São José



Fonte: autores

Figura 4 - Síntese das categorias do eixo esgotamento sanitário do bairro Vila Rica



Fonte: autores

O primeiro grupo de unidades de análise resultou em uma categoria denominada A precariedade do(s) sistema(s) de esgotamento sanitário. Na comunidade Lajeado São José as respostas das entrevistadas indicam que mesmo o sistema de esgotamento tendo melhorado em alguns aspectos, deixando de ter conexão direta com o rio, por exemplo, a forma de disposição implantada ainda é, em grande medida, inadequada. Em ambos os bairros a disposição do esgoto em diversas residências é realizada em fossas rudimentares, feitas de pedra, as chamadas 'fossas negras'. Esse tipo de disposição ocasiona uma grande problemática, já que não promove o tratamento do esgoto, podendo inclusive causar a contaminação do solo e dos recursos hídricos subterrâneos.

A prefeitura veio e fez fossa, agora. Não tinha, mas aí eles fizeram. Antes ia tudo no rio (LSJ1).

Não tem esgoto, é só fossa [de pedra]. Mas é tudo direitinho (LSJ9).

Também, as falas revelam o desconhecimento de algumas mulheres a respeito da forma correta de tratamento e disposição do esgoto sanitário, já que estas acreditam que fossas rudimentares são opções adequadas. Como relatado pelas entrevistadas, essas fossas são caracterizadas por encherem ao longo do tempo, sendo necessário, portanto, realizar a sua limpeza ou construir uma fossa nova.

O esgoto é o nosso problema. É fossa com pedra, só que enche. [...] (VR3).

Eu acho que a gente nunca teve problema, porque a gente sempre previne. Quando tá cheia a fossa a gente faz outra. [...] (VR4).

Destaca-se que a utilização de fossas rudimentares para destinação do esgoto sanitário é decorrente da falta de infraestrutura urbana nestes locais, uma vez que em muitas residências não há rede pública de coleta. Assim, os moradores precisam utilizar alternativas de destinação que sejam convenientes com a sua

realidade socioeconômica. Contudo, identifica-se que até mesmo nas casas das mulheres que possuem a coleta da companhia de saneamento o sistema é ineficiente, uma vez que problemas de entupimento e danos nas tubulações são recorrentes, como exemplificado abaixo.

O esgoto vive estourando na frente de casa [...] (LSJ23).

[...] Já chegou a trancar ali em casa [o cano] e chegou a voltar tudo. Não tinha como passar pra baixo. O esgoto subiu e alagou a casa [...] (VR2).

Percebe-se, portanto, os constantes riscos de saúde a que estas mulheres e suas famílias estão expostas, uma vez que o contato com o esgoto não tratado pode causar inúmeras doenças.

A segunda categoria emergente foi denominada O desconforto: mau cheiro. As falas apresentadas na sequência indicam que o mau cheiro é um problema para a realização de atividades como a alimentação, prejudicando principalmente aquelas mulheres que passam mais tempo em casa, como aposentadas e donas de casa.

De vez em quando enche e explode o esgoto lá na frente de casa. [...] Faz mal até pras crianças, bem sinceramente, porque o cheiro é muito forte e daí bate logo o sol em cima. Pronto, daí não fica ninguém mais lá (LSJ23).

Tem vezes que entope, que daí no dia não sei o que que tem, vem cheiro, sabe, quando ta muito calor (VR17).

Por fim, a última categoria emergente é específica da comunidade Lajeado São José, foi denominada como A proliferação de vetores causadores de doenças. Destaca-se que, assim como o mau cheiro apontado anteriormente, os problemas desta categoria são resultantes da precariedade do sistema de esgotamento. Na sequência, são indicadas as falas mais representativas.

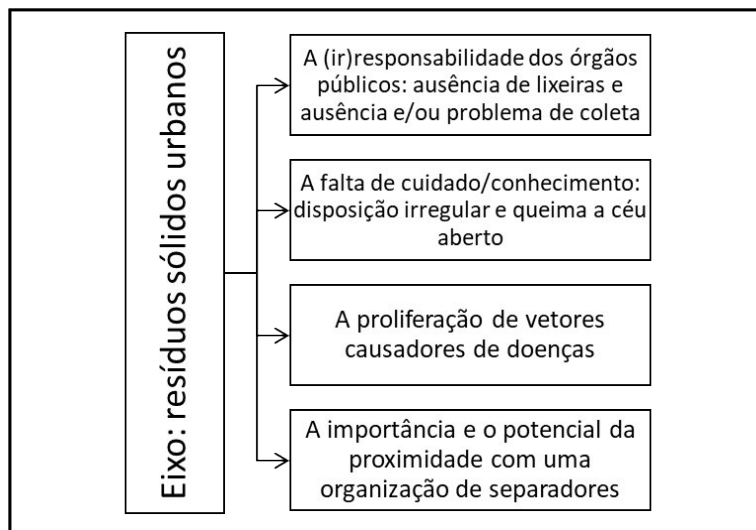
Ali tem gente que tá lavando a roupa e deixando escorrer fora, e isso dá um cheiro. Fica um barro e daí junta mosquito (LSJ18).

[...] E os bichos, barata, aranha, tem vezes que aparece até rato. Esses dias tinha no ralo do banheiro, só que daí ele não sobe porque tem o ralo (LSJ21).

Essa categoria demonstra, novamente, os riscos de saúde a que as mulheres e suas famílias estão expostas. Convém destacar que assim como ocorreu no eixo 'abastecimento de água', as mulheres de ambas as localidades possuem problemas relacionados à destinação de esgoto. Contudo, as residentes na comunidade Lajeado São José são expostas a condições mais graves e complexas.

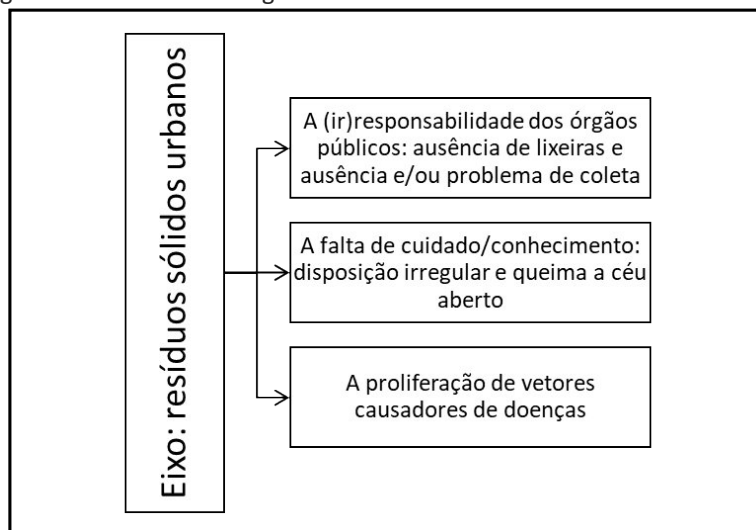
Em relação ao eixo 'resíduos sólidos urbanos' a pergunta dissertativa fez emergir as categorias apresentadas nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 - Síntese das categorias do eixo resíduos sólidos da comunidade Lajeado São José



Fonte: autores

Figura 6 - Síntese das categorias do eixo resíduos sólidos do bairro Vila Rica



Fonte: autores

A primeira categoria emergente de ambas as comunidades foi nomeada como A (ir)responsabilidade dos órgãos públicos: ausência de lixeiras e ausência e/ou problemas de coleta. Apesar de se encontrarem na mesma categoria, com problemas que resultam da ineficiência dos órgãos públicos, as dificuldades enfrentadas em cada localidade são diferentes.

Na comunidade Lajeado São José, principalmente na área irregular, não há sistema de coleta de resíduos, portanto as moradoras fazem a destinação em comunidades vizinhas. As falas apresentadas na sequência ilustram essa realidade.

O único problema é que tem que levar. Eu tenho nenê pequeno, aí tem que levar o lixo e o nenê junto e é longe (LSJ3).

O lixo a gente tem que levar bem longe. O problema é que o caminhão não passa perto, demora uns 15 minutos até a gente levar o lixo (LSJ4).

Já o bairro Vila Rica é compreendido pelo sistema de coleta de resíduos sólidos municipal, na modalidade de coleta porta a porta. Neste bairro, identificou-se que os problemas são relacionados à inexistência de contêineres e/ou lixeiras em número suficiente e a falhas na coleta por parte da empresa responsável.

Já pediram pra eles [para a prefeitura] trazer uns contêineres, e eles não trazem. Eles jogam tudo na rua, o pessoal leva tudo lá e deixa lá. Os cachorros vão lá e reviram o lixo, é coisa terrível (VR1).

Os caras do orgânico não recolhem o lixo. Às vezes eles passam uma, duas, na terceira vez que eles passam, às vezes da outra semana, daí eles pegam o lixo, senão, não. Daí tá sempre amontoado e tem que ficar cuidando por causa dos cachorros. [...] Às vezes tá lá cheio de lixo porque eles não levam (VR11).

O que fica evidente é que as ruas não possuem lixeiras em número suficiente, o que faz com que os resíduos sejam depositados diretamente no pavimento. Além disso, diversas mulheres relataram que quando ocorre a coleta, nem todos os resíduos são recolhidos. Disso tudo resulta o acúmulo nas ruas e a dispersão por animais, principalmente cachorros.

A segunda categoria emergente foi A falta de cuidado/conhecimento: disposição irregular e queima a céu aberto. Nesta categoria, percebe-se que na comunidade Lajeado São José a ausência de coleta faz com que os moradores descartem seus resíduos irregularmente, seja por meio da queima ou da disposição em locais inadequados. Também percebe-se que algumas mulheres conhecem os problemas causados pelos resíduos quando ocorrem eventos pluviométricos e os efeitos negativos da queima para a saúde humana e meio ambiente.

Plástico, papel, essas coisas, eu queimo tudo. A fumaça de quando queima atrapalha. Tem bastante vizinho que queima pra não levar lá pra cima quando é muita coisa (LSJ1).

[...] Tem muita gente que joga lixo por aí, por conta dessa dificuldade de ser longe (LSJ5).

Eu já cheguei a queimar tipo papel higiênico. É longe pra levar e tem muitos descartes meio irregular, né? Mas daí se tivesse um lixeiro mais perto acho que não iria nem acontecer (LSJ7).

[...] Fica tudo na rua [o lixo]. E nós temos tipo uma sanga ali, que foi tampada, mas tem uma parte que ela alaga. Daí alaga tudo e o lixo sobe (LSJ13).

Os vizinhos ali do lado que eu moro eles queimam ou fica ali no pátio. [...] Eu não queimo. Mais por causa do cheiro também, poluição, e eu não gosto, né? [...] (LSJ19).

Já no bairro Vila Rica identifica-se que os problemas de disposição irregular dos resíduos são relacionados principalmente à falta de locais adequados para armazenamento temporário (o que tem relação com a categoria anterior). Também percebe-se que, para afastar os resíduos de suas casas, uma vez que a

coleta seletiva é falha, as pessoas fazem a disposição em locais como terrenos baldios.

Ter tem [problema], mas é as pessoas que acumulam às vezes ali na entrada do bairro, que tem o terreno baldio, que jogam. [...] (VR14).

Ali tem muito lixo na minha rua. Que põe assim mal arrumado, daí misturado, daí eles não arrumam. [...] (VR16).

A categoria seguinte em ambas as localidades foi nomeada como A proliferação de vetores causadores de doenças. Entende-se que essa categoria se conecta às anteriores, uma vez que a disposição inadequada de resíduos atrai vetores como ratos, baratas e mosquitos, sendo estes potenciais causadores de doenças.

Tem problema com rato e barata, porque do lado da minha casa tem um barracão de reciclagem (LSJ12).

Já teve [rato e barata]. Meu deus, a gente passa ali perto [da lixeira] e vinha, que nojo! [...] Já infestou a casa de barata [...] (VR1).

Além da destinação inadequada de resíduos, as entrevistadas da comunidade Lajeado São José relataram que a associação de reciclagem localizada próximo de suas casas é um grande atrativo para os vetores mencionados. Apesar das perturbações relatadas, este local de reciclagem se tornou uma referência para a comunidade destinar seus resíduos. Grande parte das mulheres encaminham seus resíduos para separadores, muito por conta da proximidade com o local e com as pessoas que lá trabalham. A partir dessa análise, surgiu a quarta e última categoria, exclusiva do Lajeado São José: A importância e o potencial da proximidade com uma organização de separadores.

Como eu trabalho na reciclagem, o que eu gero de reciclável eu levo pro barracão (LSJ12).

A gente separa, e daí o reciclável a gente leva ali na reciclagem. Tem bastante gente que trabalha ali, que são nossos vizinhos (LSJ21).

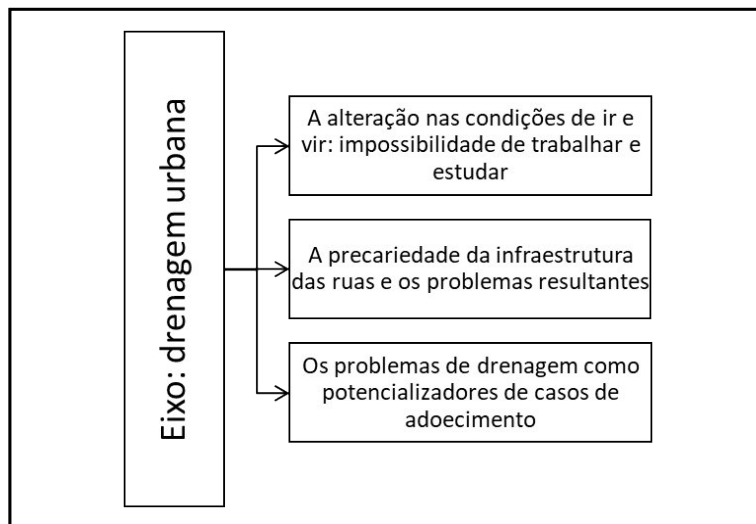
Percebe-se que as mulheres entendem a importância de locais de reciclagem, contudo, estas relatam os problemas relacionados à atração de vetores. Assim, entende-se que se houvesse o desenvolvimento de ações para melhorar as condições de limpeza do local, além de ofertar oficinas de como promover a correta separação dos resíduos, seria possível se aproximar ainda mais da comunidade e alavancar o processo de reciclagem.

O reciclável, pra cima da minha casa tem um negócio de reciclagem, daí a gente leva lá ou eles vem buscar. [...] Eles deixam muito a limpeza a desejar, porque garoa, acumula água. Acho que tinha que ter mais cuidado. A gente não é contra, porque é o trabalho deles, né, só que tinha que ter mais organização (LSJ17).

O meu marido trabalha no caminhão do lixo [...]. Eu separo porque ele já ensinou como é pra reciclar, mas nem todos reciclam o lixo (LSJ23).

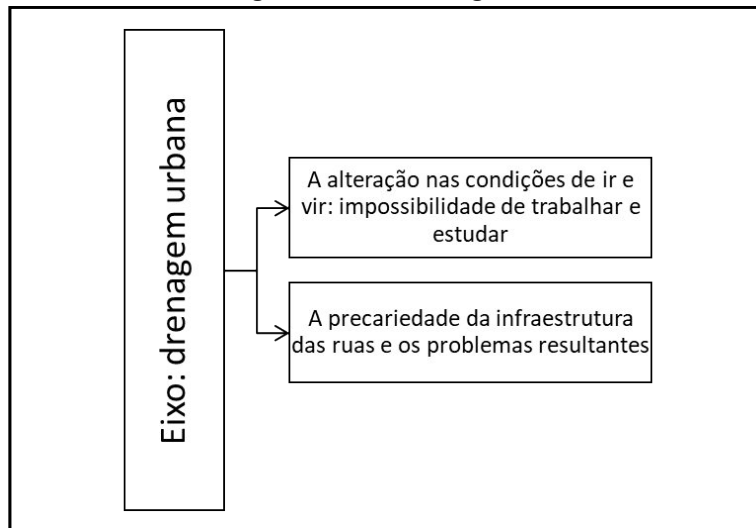
Por fim, o eixo drenagem urbana resultou nas categorias de análise apresentadas nas Figuras 7 e 8.

Figura 7 - Síntese das categorias do eixo drenagem urbana da comunidade Lajeado São José



Fonte: autores

Figura 8 - Síntese das categorias do eixo drenagem urbana do bairro Vila Rica



Fonte: autores

A primeira categoria emergente em ambos os bairros foi nomeada como A alteração nas condições de ir e vir: impossibilidade de trabalhar e estudar. Essa categoria evidencia que, além de terem seus direitos de saneamento básico negados, as mulheres são impossibilitadas de sair de casa para trabalhar e exercer diversas funções. Ademais, enfrentam problemas em relação aos filhos, que também são impedidos de ir à escola.

A minha casa já alagou, porque é perto do rio. Quando alaga a rua a gente não consegue sair de casa e vem lixo junto [...]. Sempre que chove mais já não dá pra ir pra escola. Alaga e não dá pra gente sair (LSJ1).

Quando alaga tem problema pra sair de casa [...]. (VR1)

Além disso, na comunidade Lajeado São José, problemas mais graves foram identificados, os quais colocam em risco a saúde e integridade física das mulheres, como indicado nas falas descritas na sequência.

Quando alaga tem que faltar o serviço. [...] A última chuva que deu ficamos em 3 moradores, os outros tiveram que sair. Uma mulher que tava em trabalho de parto a gente teve que levar pelo alagamento. É perigoso até alguém morrer (LSJ5).

Também, mulheres que se arriscam a levar seus filhos à escola mesmo com as ruas alagadas ou que necessitam ter contato com a água por variadas situações estão sujeitas a contrair doenças.

Na nossa casa alaga até o porão e a escada. Na estrada alaga tudo e como é forte a correnteza é difícil. O meu cachorro um dia ficou preso embaixo do porão e eu tive que entrar dentro da água pra pegar ele (LSJ2).

[...] Mas tem vizinha ali que pega aquele colchão inflável, bota os filhos em cima e sai (LSJ23).

A segunda categoria emergente foi denominada A precariedade da infraestrutura das ruas e os problemas resultantes. Além dos problemas discutidos na categoria anterior, relacionados à impossibilidade de ir e vir, percebe-se que ocorre também a perda de bens materiais, a necessidade de realizar tarefas de limpeza decorrentes do alagamento e adversidades relacionadas ao sistema de esgotamento sanitário – neste caso, o alagamento de fossas e o consequente vazamento de esgoto –. Este último corrobora os problemas de doenças já descritos anteriormente, uma vez que ocasiona a contaminação da água de alagamento, proveniente de eventos pluviométricas.

[...] O meu guarda-roupa e do bebê, esses tempos, foi água abaixo, molhou tudo. [...] O problema é limpar tudo (LSJ4).

Alaga a casa. [...] E a nossa casa é bem perto, bem encostada no rio, daí quando estoura tudo, estoura fossa, fica tudo acumulado ali [...] (LSJ23).

[...] O barro e água quero que tu veja. Alaga a rua (VR3).

Por fim, a última categoria refere-se exclusivamente à comunidade Lajeado São José e foi nomeada como Os problemas de drenagem como potencializadores de casos de adoecimento. Há diversos relatos de pessoas (crianças e adultos) que contraíram doenças por ter contato com a água de alagamento.

A minha menina uma vez que alagou aqui, não sei se foi por causa do rio, desde que a gente foi sair de casa por que alagou ela pegou um negócio na pele e até hoje a gente tá sofrendo. Até hoje ela tá com problema e tá fazendo tratamento (LSJ1).

Quando chove muito vem lixo junto e fica aqui. Teve criança que teve doença por alagamento, umas 3, 4 que eu já vi que teve problema de passar na água. Por causa do alagamento vem a doença, vem os mosquitos (LSJ5).

Eu já fiquei doente, me deu alergia, fiquei com o corpo cheio de pipoquinha. Não sei o que deu, mas eu digo pro meu marido que foi por causa da urina do rato, eu fiquei toda vermelha e começou a me soltar umas bolinhas, sabe? [...] Aquele dia que começou a alagar era de manhã, quando eu levantei a minha máquina tava lá embaixo que eu vi que tava alagado, eu descendo correndo, peguei a máquina e subi, daí que me deu alergia. [...] E foi da água, porque foi eu entrar do nada começou a me dar coceira, pensei que tinha formiga no meu corpo. Daí, logo eu fiquei doente, daí meu marido me levou no hospital, daí vimos que era por causa da água mesmo (LSJ23).

As doenças relatadas resultam, principalmente, da disposição inadequada de resíduos sólidos e consequente atração de vetores e da precariedade do sistema de esgotamento sanitário. Em síntese, há, via de regra, uma inter-relação entre os problemas dos 4 eixos do saneamento. As situações apresentadas validam a afirmação de HORA et al. (2015), de que quanto mais distantes dos centros urbanos, maiores e mais complexas são as dificuldades que mulheres periféricas enfrentam em relação aos serviços de saneamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou entender os principais problemas enfrentados pelas mulheres acerca dos serviços de saneamento básico em duas áreas periféricas com diferenças estruturais significativas da cidade de Chapecó/SC. A comunidade Lajeado São José é composta em boa medida por ocupações irregulares em APP. O bairro Vila Rica, por sua vez, se originou a partir, principalmente, da realocação de famílias por meio de processos de regularização fundiária e, por conta de um planejamento prévio, se apresenta melhor organizado.

Por meio dos dados da situação diagnóstica sobre os serviços de saneamento, é possível concluir que apesar de ambas as localidades possuírem problemas relacionados ao saneamento básico, a gravidade e complexidade destes é maior na comunidade Lajeado São José. Convém registrar, entretanto, que mesmo que as condições de saneamento sejam mais adequadas, ainda são verificados inúmeros problemas que afetam a saúde e a qualidade de vida das mulheres residentes no Vila Rica.

Em síntese, o que fica evidente com a realização da presente pesquisa é que periferia não pode ser usada como um termo genérico que abarca todas as realidades igualmente. É necessário considerar que há periferias dentro de periferias e, portanto, as políticas públicas devem levar em conta as especificidades locais. É possível afirmar que as mulheres periféricas são as primeiras a perceber e sentir os impactos da precariedade dos serviços de saneamento. Nesse sentido, a escuta qualificada do que essas mulheres têm a reclamar e sugerir pode contribuir, sobremaneira, para a tomada de decisão de gestores públicos – ambientais –.

Diagnostic study on the problems faced by women on the periphery of basic sanitation services

ABSTRACT

Although basic sanitation constitutes a universal human right, in peripheral communities a large portion of the population has precarious access to services. In this context, the present study aimed to evaluate the main problems faced by peripheral women in the city of Chapecó/SC regarding basic sanitation services. The methodology used a qualitative approach and was developed by conducting interviews with women living in the Lajeado São José Community, in the Engenho Braun neighborhood – made up, in part, of irregular occupations – and in the regularized neighborhood Vila Rica. The interview consisted of essay questions and the analyzes were carried out using the Content Analysis methodology. The results indicate that because they are most affected by the lack of sanitation, women contribute greatly to the implementation, management and maintenance of sanitation services in peripheral areas.

KEYWORDS: peripheral communities; peripheral women; Science, Technology and Society (STS).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito Além da Economia Verde**. São Paulo: Planeta Sustentável, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BORDIN, Leandro. **A educação em engenharia numa perspectiva sociotécnica**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. **Plano Nacional de Saneamento Básico: mais saúde com qualidade de vida e cidadania**. Brasília, DF: Julho, 2019. 238 p. Disponível em: <http://www.agersa.ba.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Versaoatualizada07mar2019_consultapublica.pdf> Acesso em: 19 de nov. de 2023.
- BRK AMBIENTAL. **O Saneamento e a Vida da Mulher Brasileira**. 2018. Disponível em: <<http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/pesquisa-mulher/relatorio.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. 2023.
- CHIFAMBA, Ephraim. **Mainstreaming gender in pursuit of Millenium development Goals in water resource governance in Buhera, Zimbabwe**. International Journal of Social Sciences and Manegment. 2014.
- D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; JARDIM, Gabriel de Sena. A fonte que nunca seca: o trabalho cotidiano de mulheres com a água no Semiárido. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 10, n. 1, p. 155-169, jun. 2015.
- FONSECA, Alexandre Ribeiro. **Tecnologias sociais e ecológicas aplicadas ao tratamento de esgotos no Brasil**. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Uende Aparecida Figueiredo. **Intervenções de saneamento básico em áreas de vilas e favelas: um estudo comparativo de duas experiências na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- HORA, Karla Emmanuela Ribeiro. et al. Gênero e Gestão Integrada dos Recursos Hídricos e Saneamento: aproximações da realidade cabo-verdiana e brasileira. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 166-175, jan. 2015.
- LOMBARDI, Maria Rosa. A ocupação no setor agropecuário no período 1993-2006 e o trabalho das mulheres. In MELO e SABATO. **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um Olhar sobre o Trabalho das Mulheres**. Brasília: MDA, 2009. 123-164p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília Souza (Org.); Deslandes, Suely Ferreira.; Neto, Otávio Cruz.; Gomes. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mais de 4,2 bilhões de pessoas vivem sem acesso a saneamento básico**. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733352/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. Famílias Negras, Desigualdades, Saúde e Saneamento Básico no Brasil. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva**, v. 7, n. 2, p. 41-53, 13 set. 2013.

SILVA, Bárbarah Brenda. **As relações de gênero e o saneamento: um estudo de caso envolvendo três comunidades rurais brasileiras**. 2017. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

UNITED NATIONS. **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. General Assembly A/RES/70/1. 2015. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N15/291/89/PDF/N1529189.pdf?OpenElement>. Acesso em: 19 nov. 2023.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 3. ed. Porto Alegre (RS): Bookman, 2005.

Recebido: 30/01/2025

Aprovado: 23/12/2023

DOI: 10.3895/rts.v20n62.17972

Como citar:

BEGNINI, Thays Regina Miotto; BORDIN, Leandro.. Estudo diagnóstico sobre os problemas enfrentados por mulheres na periferia dos serviços de saneamento básico **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 20, n. 62, p. 145-162, out./dez., 2024. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/17972>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

